

## MICRONARRATIVAS SOBRE A NOSSA EDUCAÇÃO

**Marco Maschio Chaga**

marco@contextodigital.com.br

Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790900T6>

**Simone Regina Dias**

simone@contextodigital.com.br

Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4707316H6>

### RESUMO

Em tempos de redes sociais e de tempo escasso para se dedicar a longas narrativas, as micronarrativas são uma saída para se falar de temas complexos em espaços reduzidos. A ideia aqui consiste em unir uma breve exposição sobre o perfil de nossos alunos às dificuldades enfrentadas pelo ensino médio e que perduram ao longo da educação superior. Procura-se demonstrar algumas razões sobre a dificuldade de aumento do contingente de estudantes interessados em buscar a formação na graduação.

**Palavras-chave:** Educação superior; Ensino médio; Heróis; Super-heróis.

Para enfrentar as mazelas do mundo, Nietzsche inventou o super-homem no final do século 19. Para o filósofo alemão, a coletividade não era capaz de resolver seus problemas, então seria necessário criar uma legião de super-homens para realizar essa incrível tarefa.

Se o homem pode ser um herói, o super-homem deve ser um super-herói. Então, em 1938, o conceito de super-homem reaparece nos Estados Unidos e todos nós conhecemos uma parte dessa história do homem de aço.

O super-herói surge para realizar uma meta: colocar as coisas em seus lugares e, por assim dizer, organizar a bagunça. Em 1938, o mundo estava mergulhado em uma de suas piores crises: a Segunda Guerra Mundial.

Mas afinal, eram tantos os males que apenas um super-herói não estava resolvendo e, aos poucos, foi necessário se criar uma legião deles, como a conhecida Liga da Justiça. A Liga se parece com o Panteão Dourado dos Deuses gregos, onde cada um tinha uma habilidade especial e o conjunto deles seria capaz de resolver nossos dramas e afastar nossos medos. Não por acaso, a inspiração nietzschiana era a mesma, os gregos.

Os deuses gregos não salvaram o mundo grego, do mesmo modo que os super-heróis não salvaram o nosso mundo. E depois da bomba atômica e dos campos de concentração, nossos super-heróis foram se recolhendo aos poucos. Restou a difícil lição: diante de crises, a humanidade tende a criar heróis e super-heróis.

Por que se faz isso? Normalmente, o surgimento de lendas está intimamente associado aos momentos de crise. E quanto mais aguda é a crise, mais confuso é o nosso lugar nela.

E o momento que vivemos se configura como um momento de crise de valores: quando alguns médicos ganham viagens e dinheiro em troca do uso de próteses e equipamentos de segunda linha em seus pacientes, quando determinados juízes ganham vantagens para julgarem conforme melhor convém aos réus, quando certos professores se corrompem em troca de favores, quando uma parte dos políticos assalta o cofre do Estado, quando se confunde o público com o privado, enfim, diante de tantos exemplos dessa natureza, pode-se dizer que os papéis sociais estão em crise.

Essa agonia é representada por momentos em que as pessoas não estão fazendo o que deveriam fazer e o desespero é tão grande que o torna propício para o surgimento de heróis.

Não por acaso, os quadrinhos e os super-heróis se tornaram a pedra filosofal do cinema atual. O cinema tem explorado o ramo dos super-heróis nas últimas décadas e isso reforça a necessidade de novos super-heróis ao lado de velhos conhecidos. Como negócio, os super-heróis estão salvando o cinema, mas isso é apenas uma face da questão.

Nesse emaranhado de coisas sem sentido, o herói é uma pessoa comum que resolve fazer a coisa certa. Pode ser um Juiz que simplesmente faz o seu trabalho, permitindo que Procuradores e Polícia também trabalhem. Trabalhar e fazer a coisa certa não deveria nem poderia ser considerado um ato de heroísmo. Mas passa a ser.

Essa linha de pensamento pode ser usada para entender a situação de diferentes áreas de nossa época.

## **A educação**

A educação é tida hoje como a bola da vez dos investimentos ou a última fronteira da inovação. Sem falar nos grandes grupos de investimentos ou das grandes franquias de cursos de línguas estrangeiras, a área educacional é cobiçada pelo Google, Apple, GE, Samsung, entre tantas outras gigantes do mundo corporativo. Por que isso está acontecendo?

Para entender um pouco melhor por que tanta gente está interessada nesse assunto, é preciso interpretar alguns números que não são segredo, mas por diversos motivos, estão dispersos pela rede. Ou seja, enquanto um dado não vira informação, ele parece mais uma gota no oceano dos achados e perdidos. É preciso, portanto, dar-lhe sentido.

## **Tudo está em crise!**

Tudo está em crise, inclusive e, sobretudo, a educação. Recentemente, o sociólogo francês professor da Sorbonne Michel Maffesoli (2014) disse que a escola acabou e agora é preciso encontrar outro lugar para se tratar da educação. Para Maffesoli, o atual modelo educacional está em processo de saturação e se parece com uma máquina que funcionou bem por muito tempo, mas se cansou e está desgastada, e, de uns tempos pra cá, a máquina não funciona mais.

## **Freakonomics**

Vamos nos afastar um pouco do problema para enxergá-lo melhor. Em 2005, Steven D. Levitt e Stephen J. Dubner lançaram o livro *Freakonomics*. Entre outras análises realizadas no livro, encontra-se a curiosa interpretação sobre a diminuição da violência entre os adolescentes norte-americanos nas últimas décadas do século 20 e início do século 21.

Enquanto os gráficos sobre a violência vinham crescendo de forma assustadora e as autoridades não sabiam ao certo o que fazer para diminuir essa escalada da violência, de repente esses gráficos começaram a apontar um movimento reverso, sem que houvesse uma explicação

plausível, visto que as escolas continuavam as mesmas e cheias de problemas, não havia sido iniciada nenhuma política social de peso capaz de reverter os números, não havia tido nenhuma mudança na polícia, enfim, os números estavam melhorando e não havia ninguém capaz de explicar o porquê.

Depois de algum tempo debruçados nesses números, os autores foram buscar a explicação para essa melhoria em uma nova política do governo norte-americano relacionada ao surgimento de clínicas populares que começaram a oferecer o aborto gratuito para quem não tivesse condições de arcar com seus custos.

Criticadas por uma parcela da população, essas clínicas mudaram o rumo da violência nos Estados Unidos porque o número de filhos indesejados diminuiu drasticamente; isso, ao longo das décadas seguintes, começou a refletir positivamente nos gráficos sobre os assassinatos, preconizam os autores. Ninguém defendia o aborto dizendo que isso diminuiria a violência, mas isso aconteceu como um efeito colateral positivo oriundo de uma política controversa.

## **Teoria do caos**

Muitas pessoas acham que a Teoria do caos é uma teoria maléfica ou que ela não nos oferece nada de bom. Isso não é verdade e o exemplo *freakonomics* confirma seus benefícios.

A Teoria do caos nasce da incapacidade de se prever o clima. Em 1960, Edward Lorenz, meteorologista e matemático, chega à conclusão de que seria impossível projetar um sistema capaz de prever o clima com precisão, pois o modelo matemático possuía uma pequena anomalia que, ao longo do tempo, tinha potencial para produzir uma catástrofe. Isso ocorre porque o modelo matemático gera um desvio padrão que se potencializava ao longo de uma série e isso muda completamente o resultado final.

Por isso, Lorenz disse que o bater de asa de uma borboleta no Brasil pode iniciar um tornado no Texas. Quer dizer que uma pequena anomalia gerada pelo sistema pode, depois de certo tempo, gerar uma mudança em outro local e isso não poderia ser previsto a princípio. Mas se isso vale para o mal, também vale para o bem.

## **Brasil de hoje**

Do mesmo modo, no Brasil de hoje, somos forçados a pensar nos motivos que levam os jovens a abandonarem o Ensino Médio e, conseqüentemente, a não ingressarem nas graduações ou mesmo nos cursos técnicos.

Isso ajuda a entender também porque é tão difícil contratar e encontrar pessoas dispostas a aprender e a trabalhar no país, sobretudo quando falamos de jovens.

A realidade dos números parece mesmo desafiar nossa capacidade interpretativa. Até o início de 2015, os números oficiais do desemprego estavam descendentes e em um dígito por quase uma década. Ao mesmo tempo, o número de pessoas que pedem o seguro-desemprego só faz crescer.

Por outro lado, as empresas têm cada vez mais dificuldade em entender o *turnover*, sendo que o entra e sai das empresas segue em ritmo acelerado.

Outro efeito dessa crise da mão de obra pode ser visto nas instituições de ensino superior, que têm tido enorme dificuldade para preencher suas vagas destinadas aos cursos superiores. Cursos de sucesso até recentemente, como Administração, Contábeis, Direito e Engenharia, entre outros, passam por grandes dificuldades, pois aos alunos estão sumindo.

Alguns dirigentes acadêmicos ou gestores dizem que o país tem muitas vagas e que a expansão das vagas na educação superior foi mal planejada.

Ao mesmo tempo, percebe-se que o país terá grandes dificuldades para cumprir a meta do Plano Nacional de Educação (2014), que prevê um aumento significativo do número global de graduados.

### **Onde o seu futuro colaborador ou aluno estão nesse momento?**

É incrível perceber que mais de 80% dos jovens que deveriam estar cursando a graduação não chegaram lá e grande parcela deles sequer terminou o Ensino Médio. O entendimento da situação começa a se tornar mais complexo.

Entretanto, a maior parte desses jovens está no mercado de trabalho e podemos facilmente encontra-los quando se vai aos postos de combustíveis, aos supermercados ou quando se liga para um call center qualquer. Você encontra esses jovens atuando nos serviços e esses

serviços estão cada vez mais sofríveis, de acordo com a nossa avaliação e de acordo com todas as avaliações independentes.

## **Exemplo vem de casa**

Pensando na prosperidade, na classe C, vejamos os exemplos de pessoas bem-sucedidas. Aqui vamos dividir por camadas de interesse e isso vale para homens e mulheres.

1. Exemplos que vêm dos meios de comunicação:
  - a) MC – jovens que fazem sucesso com a música em geral, ganham muito dinheiro e fama com isso.
  - b) Jogador de futebol que ganha muito dinheiro e fama com isso.
  
2. Exemplos que vêm da rua:
  - a) Ser o traficante da rua ou “do pedaço” para ganhar muito dinheiro e fama com isso.
  - b) Ser o braço direito do traficante “do pedaço” para ganhar dinheiro e ter fama relativa ao “cargo”.
  
3. Saída social:
  - a) Trabalhar em alguma coisa qualquer durante o tempo necessário para pedir o seguro-desemprego. Ao se juntar esse benefício com o bolsa-família e o trabalho informal, é possível passar a maior parte do tempo do ano sem fazer nada e ainda sobra tempo para pensar nos dois primeiros exemplos.
  
4. Exemplo de trabalho:
  - a) Aquele tio ou parente ou conhecido ou amigo de um amigo que se deu bem no trabalho depois que conseguiu se formar em um curso técnico ou tecnólogo. É difícil! Ganha pouco dinheiro, mas dá para sair com dignidade da situação.
  - b) Aquele tio ou parente ou conhecido ou amigo de um amigo que passou em um concurso público. É cada vez mais difícil! Aqui é preciso estudar pelo menos até o

Ensino Médio. Estabilidade com pouco dinheiro, mas dá para sair com dignidade da situação.

Isso vale para todas as regiões metropolitanas do país, mas há diferenças que precisam ser consideradas entre as áreas mais industrializadas e as outras áreas onde a vocação comercial aparece em primeiro lugar.

Os exemplos 1, 2 e 3 são mais ou menos universais em todo o país.

O exemplo 1A é mais comum em regiões mais densamente povoadas, sendo mais comum em São Paulo.

O exemplo 1B é mais comum em regiões menos industrializadas.

O exemplo 2 abrange todo o país.

O exemplo 3 está na moda em todas as regiões e atinge inclusive quem está interessado em algum outro exemplo.

O exemplo 4A ocorre com mais intensidade em regiões mais industrializadas.

O exemplo 4B ocorre em regiões onde não existe uma vocação mais forte pelo comércio (a maioria das regiões do país). A pouca oferta de opções coloca o concurso público em evidência.

As meninas optam mais pelo exemplo 4, mas também usufruem do 3.

Este painel reflete uma tendência e não dá conta das inúmeras exceções que você pode conhecer. Esse painel foi montado depois de duas dezenas de conversas com jovens estudantes e funcionários de Polos de EAD e de Faculdades de diversas regiões do país, pautadas na experiência dos alunos e de seus círculos de amizade. Embora os resultados não soem como novidade, este painel deve ser tratado como um indicativo, servindo para pautar diversos tipos de reflexões ligadas aos assuntos aqui abordados.

### **Alguns dados e outros indicadores**

Segundo dados do IBGE (2014), o Brasil tem hoje aproximadamente 200 milhões de habitantes. A população entre 18 e 28 anos é de aproximadamente 40 milhões de pessoas, ou seja, 20% da população. Arredondando os números, temos 11% de mulheres e 9% de homens.

Desse total de 40 milhões de jovens, aproximadamente 25 milhões pertencem à classe C, D e E. Em virtude dos avanços das políticas sociais das duas últimas décadas e do controle da

inflação, a imensa maioria (cerca de 20 milhões) desses 25 milhões pertence hoje à classe C. Aproximadamente 15 milhões são das classes A ou B.

Em 2014, a classe C representava 54% da população e consumia 42% dos bens globais em circulação no país.

Segundo dados do Ministério do Trabalho e do Emprego, em 2014 houve aproximadamente 10 milhões de pedidos de seguro-desemprego. Estima-se e é compreensível a percepção de que a classe C tenha sido a maior beneficiada pelo seguro, com mais de 75% dos pedidos, ou seja, 7,5 milhões de pedidos.

Como a faixa entre 18 e 28 é uma das mais ativas em termos de mercado de trabalho e também em termos econômicos, deve-se supor que ela seja responsável pela maior fatia desse bolo do seguro-desemprego, usufruindo de algo em torno de 4 a 5 milhões desses benefícios. Ou seja, estima-se que 30% dos jovens, entre 18 e 28 anos, da classe C (algo próximo a 5 milhões de pessoas) tenham se beneficiado do seguro-desemprego em 2014.

Este é um número elevado, sobretudo quando pensamos que são esses jovens que deveriam estar estudando, seja no Ensino Médio, Técnico ou Superior.

A maior parcela desses jovens acredita que o importante é o aqui e agora, então nada mais natural do que juntar os rendimentos do seguro-desemprego a um trabalho informal e talvez até mesmo com o bolsa-família para se sentir bem e ter um bom dinheiro mensal para se divertir e consumir produtos e serviços que estavam fora de seu alcance até recentemente. Carros e motos melhores, passeios a locais antes exclusivos à classe média, consumo de artigos originais de marcas famosas, viagens, enfim, um pouco de luxo nesse parque de diversões.

Mais do que um problema de contexto, temos aqui o surgimento de um problema estrutural, cuja mentalidade irá permanecer entre nós por mais duas ou três décadas. Não devemos esquecer que a qualidade da formação básica dessa moçada está entre as piores do mundo, segundo os rankings disponíveis.

Dentro da escola, desmotivados e sem muitas perspectivas de futuro, as carreiras tradicionais não empolgam esses jovens. Não se percebe a produção de estímulos externos que indiquem uma mudança positiva na escola. A metodologia sonolenta e ultrapassada dá a

impressão que se está na célebre peça de Samuel Beckett (2005): *Esperando Godot*; mas, como se sabe, Godot não vem.

## Desfecho

O cenário parece devastador para todas as organizações, isto porque as organizações são compostas por pessoas e as pessoas, de modo geral, estão cada vez mais despreparadas. Logo, as organizações também estarão despreparadas.

Por outro lado, deve-se lembrar que as mudanças e inovações tecnológicas exigem pessoas mais capazes para lidar com mudanças e isso se torna mais complexo quando temos apenas o exemplo do universo burocrático da escola como parâmetro.

Novamente, o atual estado de coisas indica o momento oportuno para o surgimento de heróis. Mas se muitas pessoas fizerem o que é preciso fazer, cumprirem o seu papel, podemos fazer a diferença e transformar o cenário. O caminho é árduo e desafiador, porém, se não quisermos ficar à mercê da espera dos heróis, é hora de começar a fazer a nossa parte.

## REFERÊNCIAS

BECKETT, Samuel. **Esperando Godot**. Trad. Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify Andrade, 2005. Quem quiser ver a peça na versão em vídeo, acesse o Youtube e desfrute dessa bela e complexa reflexão literária. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tuU3RrGj3Lc>>

MAFFESOLI, Michel. **A educação chegou ao fim**. Disponível em: <<http://www.namu.com.br/materias/educacao-chegou-ao-fim-diz-maffesoli>>. Acesso em 06 abr. 2015.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez/DF: UNESCO, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cias das Letras, 2011.

## **SOBRE OS AUTORES**

Marco Maschio Chaga - Possui graduação em História, Mestrado e Doutorado em Letras. Atua nos eixos de tecnologia Comunicação e Informação e Produção Cultural e Design e também já atuou em cursos de Letras e Comunicação, é sócio da Editora Contexto LTDA ([contextodigital.com.br](http://contextodigital.com.br)), especializada na produção de Objetos Educacionais Digitais, além do desenvolvimento de aplicativos e aplicações para editoras universitárias e escolares). Coordena o curso de Jogos Digitais da Fatenp e a Especialização em Produção Multimídia no Cesusc em parceria com a empresa Contexto Digital. Coordenou a Especialização em Comunicação na Universidade Tuiuti do Paraná, coordenou também, entre 2004 e 2007, a implantação do Mestrado em Teoria Literária da Uniandrade, em Curitiba e a Especialização em Comunicação no IBES, em Blumenau. Recebeu o Prêmio Nestlé/Ministério da Cultura da categoria Ensaio em 2002. Publica regularmente textos em revistas e jornais. Possui três livros publicados: *A Viagem do haikai de Nempuku Sato*, e *Rapsódia de uma década perdida: O Folhetim da Folha de S. Paulo*. Atualmente, produz conteúdo para EAD de cursos tecnológicos. Presta consultoria e elabora projetos na área tecnológica. É avaliador do INEP/MEC desde 2006, atuando em atos regulatórios de cursos de EAD e também atua na área de Comunicação e Informação. É fundador do grupo Contexto Digital, grupo que atua na área de Multimídia promovendo ações de pós-graduação e de extensão relacionadas ao campo da produção multimídia.

Simone Regina Dias - Possui graduação em Comunicação social, Mestrado e Doutorado em Letras (UFSC). Atua nos eixos de Comunicação organizacional e Gestão de pessoas. É sócia da Editora Contexto Ltda ([contextodigital.com.br](http://contextodigital.com.br)) e coordenadora de projetos do Contexto Digital. Professora da Universidade do Vale do Itajaí. Tem ampla atuação na educação a distância, como consultora, capacitadora de equipes e produção de material para EAD.